

## **ESTRATÉGIAS DE PLANEJAMENTO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE RESENHAS ACADÊMICAS**

*Anne Carrolline Dias Rocha Prado* (UESB)<sup>46</sup>

[annerochaprado@gmail.com](mailto:annerochaprado@gmail.com)

*Márcia Helena de Melo Pereira* (UESB)

[marciaoereirad@yahoo.com.br](mailto:marciaoereirad@yahoo.com.br)

*Sandy Tavares de Almeida* (UESB)

[sandyalmeida11@gmail.com](mailto:sandyalmeida11@gmail.com)

### **RESUMO**

Neste trabalho, analisaremos dados de processos de elaboração de quatro resenhas acadêmicas escritas por estudantes universitárias, com vistas a averiguar as diferentes estratégias de planejamento utilizadas por elas durante o processamento textual. Entendendo que escrever é um trabalho sócio-histórico que envolve empenho e reflexão e que é realizado em diversas etapas, tomamos como base para as nossas reflexões os modelos de escritura elaborados por Flower e Hayes (1980; 1981) e Prado (2019), e destacamos a etapa de planejamento que, segundo os autores, consiste em gerar e organizar ideias, recuperando conhecimentos na memória de longo prazo e estruturando-os de maneira a dar sentido à composição. Nossos dados comprovam que o planejamento pode acontecer de modo ordenado e completo ou fragmentado e desconectado, de maneira escrita ou abstrata, a depender de quem escreve, e, independentemente da estratégia utilizada, chega-se a um único objetivo: o texto pronto, demonstrando, assim, que escrever não é um processo estanque, rígido, linear e pré-definido, mas um trabalho controlado pelo sujeito escrevente, de acordo com suas estratégias e objetivos pretendidos.

### **Palavras-chave:**

Planejamento. Resenha. Processamento textual.

### **ABSTRACT**

In this work, we will analyze data from the elaboration process of four academic reviews written by university students, with the objective to ascertain the different planning strategies used by them during text processing. Understanding that writing is a socio-historical work that involves effort and reflection and that is carried out in several stages, we take as a basis for our reflections the writing models developed by Flower and Hayes (1980; 1981) and Prado (2019), and we highlight the planning stage which, according to the authors, consists of generating and organizing ideas, retrieving knowledge from long-term memory and structuring them in order to give meaning to the composition. Our data proves that planning can happen in an orderly and complete

---

<sup>46</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Programa Interno de Bolsas de Pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes Brasil – Código de financiamento 001.

way or fragmented and disconnected, in a written or abstract way, depending on who writes, and, regardless of the strategy used, a single objective is reached: the finished text, thus demonstrating that writing is not a watertight, rigid, linear and pre-defined process, but a work controlled by the writing subject, according to their intended strategies and objectives.

**Keywords:**

**Planning. Review. Text processing.**

## ***1. Introdução***

A prática de escrita, diferente do que muitos pensam, não é uma tarefa fácil, que exige apenas técnica ou dom. Um texto escrito não é fruto de uma inspiração repentina, ou de uma habilidade sobrenatural para transformar ideias em palavras de modo coerente. Na verdade, escrever é uma tarefa que demanda muito esforço e reflexão e, desse modo, um texto é o resultado de um trabalho intenso que envolve diversas etapas: por trás de um texto escrito existe um árduo processo de produção, em que o escrevente planeja, escreve, organiza e reorganiza, apaga, substitui etc. Conforme destaca Passarelli (2012), “escrever não é tanto uma questão de inspiração, mas de transpiração” (PASSARELLI, 2012, p. 44). Nessa perspectiva, neste trabalho, levamos em conta não apenas o texto pronto, mas, também, o que está submerso: as inúmeras operações que o sujeito realiza até que considere o seu texto pronto.

De acordo com Prado (2019), analisar essas operações nos permite compreender mais detalhadamente a relação que o escrevente mantém com o texto, com o gênero e com o discurso que o envolve e, dessa forma, podemos, também, compreender com maior facilidade a relação do sujeito com a linguagem. Em nosso caso específico, analisaremos o processo de construção de quatro resenhas acadêmicas escritas por quatro estudantes universitárias, observando as diferentes estratégias de planejamento utilizadas por elas para a construção de seus textos. Para isso, nos ancoramos teoricamente em Flower e Hayes (1980; 1981) e Prado (2019), que elaboraram modelos de escritura que apresenta e descreve as diferentes operações que um escrevente realiza para elaborar um texto.

Nas páginas que se seguem, buscaremos mostrar o trabalho que está submerso na versão final de um texto, desmistificando as ideias de dom e de inspiração, e revelando que o processo de escrita não é estanque, estruturado, linear: as etapas de escritura se realizam de acordo com as estratégias e objetivos de quem escreve e, independentemente das estratégias adotadas e dos objetivos pretendidos, chega-se a um único lu-

gar: o texto pronto.

## **2. *Escrever é processo: as etapas de escritura***

Na década de 1980, os pesquisadores norte-americanos Linda Flower e John Hayes inauguraram uma teoria do processo cognitivo de escrita, a partir da elaboração de um complexo modelo de processamento da escrita. Baseado em uma perspectiva cognitivista, o modelo foi produzido tendo em conta os trabalhos dos autores com protocolos verbais e destaca os processos mentais ativados e desenvolvidos pelo sujeito escrevente durante o processo de escrever.

Assim, os teóricos apresentam um modelo, cujas principais unidades de análise são processos mentais, organizados de maneira hierárquica, com unidades menores que não atuam de modo rígido e linear. As três grandes unidades que compõem este modelo são: (i) a situação de comunicação; (ii) a memória de longo prazo; (iii) os processos de escritura.

Em termos simplificados, a situação de comunicação está relacionada a todos os elementos externos ao produtor do texto; a memória de longo prazo diz respeito ao espaço mental onde todos os conhecimentos adquiridos ao longo da vida são armazenados, a exemplo de conhecimentos sobre o assunto do texto a ser produzido, sobre a audiência, sobre os esquemas de escrita, sobre os diferentes gêneros discursivos etc.; já os processos de escrita são tratados a partir de três outros processos básicos: (i) planejamento; (ii) redação; (iii) exame, controlados por um monitor, encarregado de regulá-los e decidir em que momento cada um vai atuar. Falemos apenas do processo de planejar, dado que é o que nos interessa mais de perto neste trabalho.

O planejamento, etapa do processamento da escrita que nos interessa mais de perto neste trabalho é, de acordo com Flower e Hayes (1980; 1981), o momento no qual o escrevente cria uma representação mental do conhecimento que utilizará na elaboração textual, e é composto por três subprocessos: (i) gerar ideias; (ii) organizar ideias; (iii) formular objetivos.

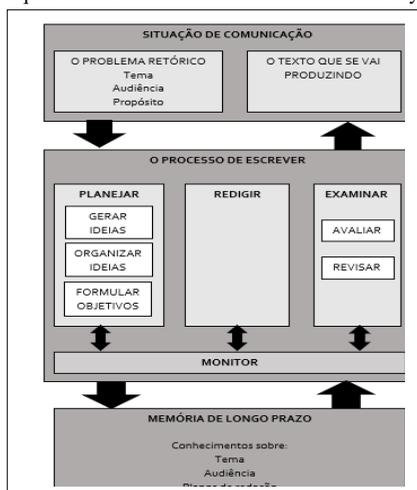
O subprocesso de gerar ideias envolve a recuperação de informações da memória longo prazo, as quais podem ser desenvolvidas, estruturadas, completas e organizadas, como também podem ser fragmentadas, desconectadas e, até mesmo, contraditórias. A organização das ideias é o

subprocesso, é o que dá sentido à composição, na medida em que é quando o produtor do texto estrutura as informações de acordo com as exigências da situação de comunicação. Ainda, no subprocesso de formular objetivos, o escrevente elabora as intenções que conduzirão o processo de composição.

Dito isso, é possível afirmar, então, que o planejamento acontece frequentemente de maneira mais abstrata e, por vezes, ao ser realizado de maneira escrita, é representado por um código visual ou perceptivo que será transformado em palavras no processo de redigir.

Abaixo, podemos observar o esquema elaborado por Flower e Hayes (1981) que mostra as três unidades e as subunidades presentes em cada uma delas:

Esquema 1: Modelo de escrita de Flower e Hayes.

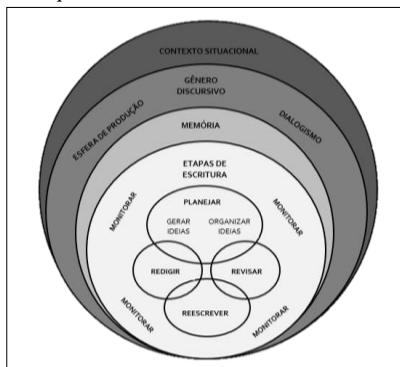


Fonte: Adaptado de Flower e Hayes (1981, p. 370).

Como vemos, o modelo de escrita proposto pelos pesquisadores americanos é bastante completo e detalhado; entretanto, conforme observa Prado (2019), falta a ele o aspecto discursivo. Sendo assim, a autora propõe a ampliação da proposta de Flower e Hayes (1980; 1981) e, tomando como base os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, reformula alguns aspectos do modelo anterior e acrescenta as concepções de dialogismo, de esfera de produção, de contexto situacional e de gênero discursivo, elaborando, assim, um modelo cognitivo-discursivo. Além

disso, ao invés de utilizar flechas para indicar as interações entre os elementos do esquema, a teórica faz uso de diagramas circulares que indicam que existe uma relação contígua entre as unidades que compõem o processo de escrever, e que as informações circulam em um processo não linear, conforme podemos verificar no esquema a seguir:

Esquema 1: Modelo de escritura de Prado.



Fonte: Prado (2019).

Prado (2019) explica que o contexto situacional é “uma contextualização ampla que envolve, além do entorno físico, empírico e imediato, os entornos sociais, culturais, históricos e políticos, além dos aspectos sociocognitivos dos interlocutores” (PRADO, 2019, p. 55), e, a partir dele, o gênero discursivo é escolhido. Tendo em conta o pensamento bakhtiniano, a autora explica que todo ato comunicativo (incluindo a construção de um texto) só é possível por meio de gêneros discursivos e é a escolha (consciente ou não) de determinado gênero que inicia a enunciação. Além disso, todo gênero é determinado pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera de utilização da língua. Em meio a essa relação, há ainda, de acordo com a pesquisadora, a relação com a memória, na qual estão arquivados todos os conhecimentos adquiridos nas relações e vivências pessoais e sociais.

As etapas de escritura, então, são realizadas, consoante Prado (2019), a partir de um contexto situacional, que determina o gênero (definido pela esfera de comunicação) e mobiliza os conhecimentos armazenados na memória de longo prazo. Assim, a autora divide as etapas de escritura em: (i) planejar; (ii) redigir; (iii) revisar; (iv) reescrever. Assim como fizemos no modelo apresentado anteriormente, trataremos apenas

da etapa de planejamento, considerando o foco do nosso trabalho.

Embora entenda a etapa de planejar de modo semelhante à Flower e Hayes (1980; 1981), Prado (2019) remove desta etapa o subprocesso de formular objetivos, pois, para ela, os objetivos são formulados no contexto situacional. Dessa forma, a pesquisadora define o planejamento como a etapa de “gerar e organizar ideias, recuperando informações na memória de longo prazo e estruturando-as de acordo com o contexto e, consequentemente, com o gênero que é produzido” (PRADO, 2019, p. 57).

Dadas essas explicações, passemos, então, para a análise dos dados processuais dos textos escritos pelas estudantes.

### **3. Captação e análise dos dados**

O *corpus* que analisaremos neste trabalho é composto por dados do processo de construção de quatro resenhas acadêmicas elaboradas a partir do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, pelas estudantes A., A.K., M. e S. Os textos foram redigidos em nosso computador, utilizando a ferramenta de criação e edição de textos *Microsoft Word*. Para a captação dos dados, recorremos ao *software OBS Studio* que registrou todas as ações realizadas no computador, além do áudio do aparelho e o áudio externo, para o caso de as estudantes oralizarem alguma ideia, gerando, ao final do registro, um vídeo com as informações capturadas.

De posse dos quatro vídeos, analisamos as operações realizadas pelas escreventes e elaboramos perguntas para serem feitas a cada uma, questionando-as sobre os motivos que as levaram a apagar, a substituir, a escrever determinada coisa, a modificar etc. É o resultado dessas entrevistas que apresentaremos aqui. Primeiro, vamos discutir os dados processuais de A., em seguida, os de A.K., logo após, examinaremos as falas de M. e, por último, os dados de S.

Antes de analisarmos as entrevistas de A., precisamos informar que, enquanto fazia a primeira leitura do texto que serviu de base para sua resenha, a estudante fez diversas marcações de alguns trechos e palavras e escrevendo alguns comentários como “descrição”, “2x”. Esses “rabiscos” revelam a principal estratégia de planejamento que a escrevente utilizou para escrever o seu texto.

Ao ser questionada a respeito de um acréscimo que fez em sua re-

senha, A. reporta às essas marcações e comentários. Vejamos:

**Entrevista com A.**

**Pesquisadora:** Você escreve “E, também, por não ter o cuidado de presentear, mesmo que fosse com os livros mais baratinhos, suas colegas. Ao invés disso, escolhia os cartões postais da própria cidade em que elas viviam, qual seja: Recife, e escrevia palavras aleatórias como ‘saudade’” sem fazer quase nenhuma mudança. Ao escrever essa parte, você já tinha toda ela em mente? O que você pensou para elaborá-la?

**A.:** Já. Já tinha isso em mente, porque, no texto-base, eu já tinha analisado isso... Os indícios do meu esquema, né? Tá ali naquela folha. Então, as palavras aleatórias... que eu considero aleatórias, né? Foram riscadas.

**Pesquisador:** Você formula a ideia na medida em que lê o texto...

**A.:** Isso. Exatamente. Exatamente.

Como vemos, a estudante explica que, ao fazer as marcações e pequenos comentários na folha a parte, ela cria um esquema mental de como a sua resenha deverá ser estruturada. Segunda ela, na medida em que faz a leitura do texto-base, as suas ideias são geradas e, no processo de redação, elas vão sendo organizadas. Nesse sentido, lembramos que, de acordo com Flower e Hayes (1980; 1981), o planejamento pode ou não acontecer de maneira escrita e, quando acontece, essa escrita, não necessariamente é em forma de palavras ou de modo organizado e coerente. No caso de A., essa escrita é apenas alguns sublinhados, colchetes e palavras aparentemente aleatórias que são transformados em sentenças coerentes na medida em que ela põe em ação o processo de redigir. Podemos observar, ainda, que o subprocessos de gerar e organizar ideias são realizados pela escrevente em diferentes momentos.

Os dados de A.K. nos revelam uma estratégia diferente:

**Entrevista com A.K.**

**Pesquisadora:** Você inicia o parágrafo seguinte com *Desse modo, a crônica expõe o modo pelo qual a segunda menina utiliza de suas vantagens*. Ao reler, afirma “Não”, e decide fazer uma nova pesquisa sobre o texto. Assim, você dá um *enter* no trecho iniciado em *a crônica expõe*, colocando-o em segundo plano, e escreve, depois de *desse modo, como forma de vingança por ser a única a fugir de beleza*. Me fale um pouco sobre essas mudanças. Porque você escreveu, deixou num canto, e aí você retoma em cima de um jeito diferente.

**A.K.:** Eu costume fazer isso também: quando eu vou mudar uma coisa no texto, que eu não tenho certeza se vai ficar bom, eu procuro guardar ali, pra o caso de a mudança não ficar boa...

**Pesquisadora:** Ao invés de apagar definitivamente, né?

**A.K.:** Sim, sim.

Os dados apresentados nos mostram que a estudante gera e organiza as ideias para a sua resenha durante toda a elaboração textual. Em certos momentos, ao colocar em prática o processo de revisão, A.K. “deixa de

lado” certos trechos que já foram produzidos para que possa utilizá-los caso as novas ideais não funcionem na produção ou para retomá-los em outros momentos. De acordo com Prado (2019), a etapa de revisão consiste em rever o que já foi produzido, verificando a adequação ao contexto situacional e às normas gramaticais, e averiguando se as ideias transformadas em palavras estão funcionando no texto. Conforme salienta o autor, o processo de revisão pode levar à etapa de reescrita. Nesse processo de reescrita, um novo planejamento é feito, uma vez que novas ideias podem ser geradas e organizadas e antigas ideias podem ser reorganizadas. É o que acontece no processo de construção da resenha de A.K.

O planejamento de M., por sua vez, é conduzido pelo gênero que está sendo apreendido:

<b>Entrevista com M.</b>
<b>Pesquisadora:</b> Imediatamente após terminar o terceiro parágrafo, você se põe a escrever o que viria a ser o último, mas para em <i>A leitura do texto</i> , demorando um pouco para retomar. Você já sabia que esse seria o último parágrafo? O que você queria escrever nele?
<b>M.:</b> Sim. É. O último parágrafo é o final, né, você tá fechando o seu texto, então, e tinha em mente que...
<b>Pesquisadora:</b> Já era seu plano que aquele seria o último?
<b>M.:</b> Sim, sim... Que eu já falei... Inclusive, a citação que é do final do texto e tal. Então, já podia terminar.
<b>Pesquisadora:</b> E o que que você queria fazer nesse último parágrafo?
<b>M.:</b> Como próprio do gênero, eu queria falar, assim, o que o texto traz, rapidamente ali, e é... como é que fala? Indicar.

Podemos observar que M. planeja o seu texto de maneira abstrata, a partir da mobilização de conhecimentos armazenados na memória de longo prazo a respeito das características estruturais e estilísticas do gênero resenha acadêmica. De acordo com Motta-Roth (1995), avaliar e recomendar determinada obra são passos retóricos que, normalmente acontecem na construção de uma resenha. Esses passos, quase sempre, são realizados na parte final do texto. Sabendo disso, a estudante idealiza o plano geral da sua resenha, que irá determinar a organização interna do texto. Assim, ela decide que, no último parágrafo da sua produção, deveria colocar “o que o texto traz” (avaliar) e indicar a obra (recomendar).

Por fim, nos dados de S., vemos o planejamento acontecer de maneira escrita e de maneira abstrata e desordenada:

<b>Entrevista com S.</b>
<b>Pesquisadora:</b> Ao lado do trecho copiado, você escreve “falar sobre algumas obras publicadas, etc.”. Você estava registrando uma ideia para não esquecê-la? Você costuma fazer isso?

**S.:** É meu planejamento, na verdade.

[...]

**Pesquisadora:** Você começa outro parágrafo da seguinte maneira: *A angústia e a espera terminam por parte da esperançosa leitora, quando a mãe da outra criança descobre.* Antes de dar continuidade ao parágrafo, você volta ao anterior e acrescenta *afirmando que o emprestou a outros.* Por que você voltou ao outro parágrafo ao invés de continuar no que você estava fazendo?

**S.:** Eu não sei explicar. Isso acontece muito também. Muito mesmo... nos meus textos. É porque a ideia não sai. Acho que o planejamento, ele tá aqui ó. Então, o texto, ele tá todinho em minha cabeça. Então, eu não esqueço imediatamente aquele parágrafo não. Eu não esqueço aquele parágrafo de jeito nenhum. Ele tá ali ainda, eu sei que ele tá ali e precisa ser arrumado a todo momento. Ele precisa ser finalizado. Então, quando eu tenho alguma coisa, alguma ideia que se encaixa ali ou que precisa ser arrumado, eu volto imediatamente. Um processo de revisão o tempo inteiro.

Nos trechos expostos acima, é possível perceber que, enquanto redige o seu texto, a escrevente gera ideias e a anota na própria produção. Diferentemente do que faz A., S. faz anotações legíveis. Vemos, por exemplo, que a estudante escreve a ideia “falar sobre algumas obras publicadas, etc.”, para, depois, retomá-la (ou não) e organizá-la, afirmando que este é o seu planejamento. Mas, logo outra estratégia de planejamento pode ser notada: a escrevente conta que possui um plano mental da sua resenha e, enquanto a elabora, ideias para pôr esse plano em palavras vão sendo geradas e organizadas sem seguir uma ordem ou uma organização específica, confirmando o que postulam Flower e Hayes (1980; 1981) e Prado (2019): o planejamento pode acontecer tanto de forma abstrata, apenas como um processo mental, quanto como de forma escrita; no caso de S., ele acontece de ambas as formas. Os autores também afirmam que as etapas de escritura podem ocorrer em qualquer momento da elaboração textual: nos dados analisados, vemos o planejamento acontecer tanto no início da produção, como no decorrer de toda ela.

Em nosso *corpus*, encontramos inúmeros outros momentos em que A., A.K., M. e S. colocam o planejamento em ação utilizando diferentes estratégias. Entretanto, para não nos tornarmos repetitivos, julgamos que os dados que apresentamos até aqui e as discussões empreendidas sejam suficientes para traçarmos algumas conclusões. Sendo assim, damos por encerrada as nossas reflexões e, não próxima seção apresentamos as nossas considerações finais.

#### **4. Conclusão**

Neste trabalho nos propomos a investigar as estratégias de planejamento utilizadas por quatro estudantes universitárias na produção

de resenhas acadêmicas, tendo em vista que a escrita é um processo complexo que envolve diversas etapas, dentre as quais, destacamos a etapa de planejar.

Em nossas análises, pudemos observar que A., A.K., M. e S. utilizam estratégias de planejamento diferenciadas: a primeira faz marcações e comentários, de maneira a esquematizar o que será transformado em texto; já a segunda planeja seu texto de maneira abstrata, na medida em que a escreve e, no processo de revisão, ao invés de apagar definitivamente determinado trecho do texto, o deixa de lado para, a partir dele, gerar e organizar novas ideias; a terceira, por sua vez, conduz o seu planejamento, levando em consideração a estrutura composicional do gênero que está apreendendo; em contrapartida, a última estudante, além de realizar seu planejamento de maneira escrita, registrando algumas ideias, o faz, também, abstratamente enquanto redige e revisa sua produção.

Diante disso, podemos confirmar, primeiro, que o processo de escrita não é estanque, rígido, linear e pré-definido, e as etapas de escritura podem acontecer a qualquer momento durante a elaboração textual, de acordo com as estratégias e objetivos pretendidos pelo sujeito escrevente que controla a produção; segundo que a etapa de planejamento acontece de diferentes maneiras: ordenada, completa, fragmentada, desconectada, escrita, abstrata etc., e pode ser realizada a partir de diferentes estratégias, e, ainda assim, chega-se ao objetivo final: o texto pronto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLOWER, Linda; HAYES, John R. A cognitive process theory of writing. *College Composition and Communication*, v. 32, n. 4, p. 365-87, 1981.

FLOWER, Linda; HAYES, John R. Identifying the Organization of Writing Process. In: GREGG, Lee W.; STEINBERG, Erwin Ray. *Cognitive Process in Writing*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1990, p. 3-30.

MOTTA-ROTH, Désirré. *Rhetorical features and disciplinary cultures: A genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 1995. 357p.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. São Paulo: Cortez, 2012.

PRADO, Anne Carolline D. R. *Participação, negociação e escolhas: como acontece a escrita conjunta no processo de construção de uma resenha?*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, 2019. 154p.